

PsittaScene Vol. 24, N. 2 Maio de 2012

Traduzido por André Becker Saidenberg

Sumário

- 2 Mensagem do Diretor - Jamie Gilardi
- 3 Cores verdadeiras – os mistérios das cores dos Ecletus
- 8 Auxiliando os Papagaios-do-Congo - Congo e Camarões
- 12 Longa vida aos psitacídeos – A longevidade em psitacídeos em cativeiro
- 16 Cruzeiro dos admiradores de psitacídeos 2011
- 18 PsittaNews – Eventos e Notícias
- 19 Contatos do WPT
- 20 Pistacídeos na natureza – Papagaio-do-figo-de-Coxen

FRENTE Uma fêmea de Ecletus (*Eclectus roratus*) reluz na entrada da cavidade de seu ninho. Cavidades de boa qualidade são difíceis de serem encontradas e ferozmente protegidas. O Ecletus é bastante conhecido pelo seu dimorfismo de coloração oposta. Isso, assim como muitos de seus comportamentos sem igual, isso está diretamente relacionado à falta de ninhos com qualidade. © Steve Murphy

VERSO Os Papagaio-do-figo-de-Coxen são a única espécie de ave australiana a escavar seu próprio oco na árvore completamente desde o início o que provavelmente explica porque eles defendem ferozmente seu ninho quando outros da mesma espécie chegam muito perto. Esse papagaio é uma fêmea da subespécie *Cyclopsitta diophthalma marshalli*. Ela se sentou na entrada do ninho sem fazer um movimento, me permitindo utilizar uma longa exposição para fotografar na fraca luz da floresta tropical. © Steve Murphy

Mensagem do Diretor

Os progressos na conservação de psitacídeos vêm de muitas formas, e eu estou feliz em compartilhar três exemplos recentes.

Em resposta à reação de muitos conservacionistas e biólogos de campo – incluindo muitos do World Parrot Trust - três espécies de psitacídeos foram adicionadas à Lista Vermelha de Aves Globalmente Ameaçadas: duas cinzentas e uma verde.

Como você irá ler nesta e em muitas edições recentes da PsittaScene, os Papagaios-do-Congo continuam sob grande pressão vinda do comércio. Essas aves podiam ser encontradas desde a costa do Atlântico na Guiné Bissau até mais de 5.000 km da África Equatorial à região central do Quênia. Agora, o Papagaio-do-Congo-Timneh está extinto na vasta maioria de sua

área de distribuição original, e embora o Papagaio-do-Congo esteja melhor, também foi extinto de grande parte ou completamente do Quênia, Tanzânia, Ruanda e Uganda.

É na hora apropriada que essas duas espécies receberam a atenção devida dos conservacionistas, portanto ficamos maravilhados quando foram elevadas na categoria de Vulnerável pela IUCN (União Internacional para Conservação da Natureza).

Na América Central, outro psitacídeo muito traficada – o Papagaio-de-nuca-amarela – tem sofrido declínios dramáticos similares. Nos últimos dois anos, eu viajei por quase toda a costa do Pacífico da Guatemala, El Salvador, Honduras, e Nicarágua – todas regiões anteriormente consideradas como fortalezas do Papagaio-de-nuca-amarela. Com algumas notáveis exceções, essas aves simplesmente desapareceram. Assim como os Papagaios os Papagaios-do-Congo, salvar os nuca-amarela será um desafio, mas ajuda que se comece com o reconhecimento de que existe um sério problema, portanto adicionar essa espécie à Lista Vermelha é realmente um grande passo adiante.

O trabalho mais importante obviamente ainda se encontra à frente, mas por enquanto, estamos felizes em compartilhar esse pedaço de boas notícias para essas incríveis três espécies.

Jamie Gilardi
Diretor do WPT

Cores verdadeiras

Compreendendo as forças ecológicas e evolucionárias por trás da coloração exclusiva dos Ecletus.

Escrito por Rob Heinsohn

À medida que emergi acima da copa das árvores percebi que subitamente tudo estava abaixo de mim.

As aves e as borboletas zumbiram passando por mim, e a brisa fresca no meu rosto era uma benção.

Escalar acima da floresta quente e abafada da Península do Cabo York, na ponta mais ao norte do continente australiano foi uma experiência emocionante. É uma perspectiva privilegiada que não muitas pessoas irão experienciar, mas foi uma que tive sorte em admirar em muitas ocasiões por um período de mais de dez anos. Eu estava observando as idas e vindas do misterioso Ecletus (*Eclectus roratus*).

Isso envolvia subir tanto para acessar os ninhos até 30 metros acima do solo, ou sentar por longos e desconfortáveis dias em uma plataforma elevada de madeira, só observando. Eu

estava com muito medo de altura no começo, mas após a primeira campanha tinha controlado meu medo e isso havia sido substituído por um vício da emoção de se descobrir os segredos destas aves extraordinárias.

Morte aos bebês machos!

Desde os primeiros dias do projeto eu senti que algo sinistro estava matando alguns dos filhotes. Os Ecletus sempre fazem postura de dois ovos viáveis, e ainda assim na primeira escalada ao ninho após o período que estavam para nascer, havia apenas um filhote no ninho. Conforme descobri, o filhote que faltava quase sempre era um macho.

Num ato violento de infanticídio específico ao sexo, as mães estavam jogando muitos dos filhotes machos para fora após alguns dias do nascimento. Algumas vezes nós encontramos os pequenos corpos, com marcas de bicada na parte detrás de suas cabeças e pescoços, tanto dentro do ninho, na beirada, ou no chão abaixo da árvore.

A razão adaptativa por trás deste comportamento horrível logo se tornou clara: o infanticídio somente estava ocorrendo em ninhos de baixa qualidade. Estes ninhos tem tendência a inundarem durante chuvas torrenciais, deixando somente uma pequena margem de tempo para essas fêmeas nidificarem. E acontece que os filhotes fêmeas tipicamente deixam o ninho mais rapidamente do que os machos, portanto realmente vale a pena para as mães nestas circunstâncias, se livrarem do filhote macho. Isso permite que elas possam acelerar todo o processo de nidificação e produzir pelo menos um filhote antes que as chuvas comecem.

Os humanos são o único outro tipo de animal reconhecido por matar a progênie por causa do sexo deste. Provavelmente não é possível ocorrer em grande parte das aves por que os filhotes fêmea e macho são muito similares. Os Ecletus são bastante únicos devido a que os filhotes desenvolvem direto sua plumagem adulta, e mesmo antes que tenham as penas os sexos são facilmente diferenciáveis pela coloração da plumagem. Os machos tem plumagem cinza clara e as fêmeas um cinza escuro.

Parece que os pais fazem uso desta habilidade pouco comum de distinguir o sexo para tomar decisões sobre quais filhotes devem manter e quais matar. Em teoria, matar muitos machos pode diminuir o valor dos filhotes fêmeas porque elas estarão com menores chances de encontrar companheiros mais tarde durante a vida. O equilíbrio é delicado e somente favorece as mães que tem ninhos de bem pouca qualidade em cometer o infanticídio relacionado com viés de sexo.

O enigma do Ecletus

As tendências infanticidas dos Ecletus são apenas uma de uma longa lista de suas tendências comportamentais bizarras, a maior parte das quais se relacionam a suas cores. Na verdade, poucas aves já intrigaram mais os cientistas! Um dos grandes biólogos evolucionários do

século 20, o Professor Bill Hamilton da Universidade de Oxford, costumava mostrar uma apresentação em suas palestras de um macho e fêmea de *Ecletus* sentados lado a lado.

O macho era verde vibrante, e a fêmea um vermelho deslumbrante. Enquanto que a teoria evolucionária tinha muito a dizer sobre porque um sexo nas aves é frequentemente deslumbrantemente mais colorida, ela tropeçava um pouco em estabelecer o que havia ocorrido nessa espécie. Nenhuma outra ave tinha os sexos embelezados em tantas maneiras diferentes. Hamilton terminou sua palestra dizendo, “Quando compreender porque um sexo é vermelho e o outro verde, então estarei pronto para morrer”.

Hamilton estava essencialmente intrigado sobre o porquê de que os filhotes machos de *Ecletus* pareciam fêmeas e as fêmeas pareciam machos. Os dois sexos eram na verdade tão diferentes, que por muito tempo foram considerados como diferentes espécies até mesmo com os melhores naturalistas do século 19 sendo enganados. Não foi até quase 100 anos após a sua descoberta que eles foram finalmente identificados com o mesmo nome.

Os *Ecletus* têm sido muito populares como aves de estimação, mas não haviam estudos a campo destas aves até que começamos nossa pesquisa em 1997. Isso era compreensível na medida em que poucas aves oferecem ao pesquisador de campo com tantas dificuldades logísticas. Os *Ecletus* vivem no alto das copas das florestas tropicais na Nova Guiné, oeste das Molucas, leste até o arquipélago de Bismarck e Ilhas Salomão, e também na ponta da Península do Cabo York no Norte da Austrália.

Seus ninhos nos ocos das árvores estão muito altos (20-30m) e são inacessíveis, e as aves são notoriamente tímidas. Foi um momento importante quando eu me comprometi em resolver o mistério dos *Ecletus*.

Os *Ecletus* provavelmente se dirigiram para o Norte da Austrália de sua terra natal ancestral na Nova Guiné, a milhares de anos atrás quando o nível do mar eram mais baixos e as duas massas de terra se conectavam. A primeira árvore com ninho que nós encontramos no Parque Nacional Iron Range na Península do Cabo York era a reconhecida “Figueira do contrabandista” – um espécime muito grande da figueira verde (*Ficus albipila*).

Essa majestosa e antiga habitante (agora tristemente já caída) tinha espetos de metal enferrujados enfiados no seu tronco. Uma testemunha dos horríveis anos passados do tráfico de psitacídeos, e era um microcosmo da vida selvagem do Cabo York. Em seus vários ocos, ela suportava 17 *Ecletus* distribuídos entre três diferentes grupos reprodutivos, dois pares de *Cacatua galerita* e cavidades dormitório para os morcegos dentro de seu tronco.

Sua copa era decorada com uma magnífica colônia de Starlings metálicos (*Aplonis metallica*) com sua multiplicidade de ninhos se dependurando dos galhos mais altos. Se alimentando de todas essas criaturas estava um casal residente de Gavião branco (*Accipiter novaehollandiae*),

e uma grande Cobra cinzenta (*Stegonotus cuculatus*) assombrando o chão abaixo esperando pelos filhotes caírem.

Um bom ninho é difícil de achar

Nós passamos a maior parte de nossa pesquisa nos movimentando entre subir 40 árvores bastante separadas entre si. Apesar de que nos aproximamos dos ninhos com cuidado, frequentemente éramos recebidos pelo grito das fêmeas de *Ecletus* rapidamente saindo de seus ninhos. Durante nossas visitas elas repetidamente sentavam perto das árvores mais próximas, mas aquelas com ovos ou filhotes entravam novamente logo após nossa saída. Sem esse comportamento permissivo por parte das aves, nossa pesquisa não teria sido possível.

Uma de nossas descobertas foi a de que as fêmeas virtualmente nunca deixam a vizinhança de seus ninhos por uma estação reprodutiva bastante longa (6-10 meses). Elas sentam em seus ninhos com suas lindas cabeças para fora observando o mundo passar por pelo menos um mês antes de fazerem a postura (frequentemente em Agosto-Setembro). As fêmeas então fazem toda a incubação e cria dos filhotes pequenos.

No que elas diferem da maior parte dos psitacídeos é que elas recusam deixar o ninho quando os filhotes estão mais velhos. Mesmo após os filhotes terem voado, as fêmeas ainda retornam a seus ninhos todos os dias para garantir que nenhum invasor tome conta.

Uma fêmea com um bom ninho não tem escolha senão sentar e defendê-lo de outros. Brigas frequentemente ocorrem entre fêmeas, e elas irão lutar até a morte para defender esse recurso precioso. Elas só conseguem ficar sentadas por tanto tempo e escapar de predadores porque são alimentadas por múltiplos machos.

As fêmeas precisam de grandes ocos nas árvores altas e emergentes da floresta tropical para procriar, mas os ocos utilizáveis são escassos. Aqui está a primeira dica para resolver o enigma da cor dos *Ecletus*, assim como a coloração inversa dos *Ecletus* (e outros comportamentos bizarros tais como o infanticídio descrito anteriormente) se correlaciona em última análise à falta de ocos para nidificar.

As cavidades para ninhos estão tipicamente em árvores muito grandes e emergentes. Na verdade, 75% das árvores com ninhos que conhecemos estão em somente três principais tipos de árvores: Figueiras (*Ficus sp.*), pinheiros (*Alstonia sp.*), e a árvore de Castanheiro australiano (*Castenospermum australe*). As árvores utilizadas para nidificar estão obviamente visíveis do ar, conforme elas se erguem proeminentemente acima de suas vizinhas.

Utilizando um avião leve, nós conduzimos buscas aéreas abrangentes por árvores-ninho potenciais na floresta dentro e ao redor do Parque Nacional Iron Range e descobrimos que existem apenas umas poucas centenas de árvores deste tipo em toda a região, o que incidentalmente compõe metade do habitat australiano do *Ecletus*. Nós descobrimos que no máximo havia somente uma árvore adequada por quilometro quadrado de floresta tropical.

Não somente as árvores para nidificar são raras, mas muitos dos ocos são inúteis para reprodução porque eles inundam com chuvas fortes. Quando isso ocorre, mesmo os filhotes maiores se afogam, e os anteriormente tão acolhedores ocos se tornam indisponíveis por várias semanas. Uma boa cavidade é obviamente uma que permanece seca por pelo menos quatro meses durante o período reprodutivo crucial: um mês para incubação mais três meses para eclosão até a saída do ninho pelos filhotes.

Um dos melhores ninhos na área de estudo do Iron Range era a Figueira do contrabandista. Essa cavidade nunca inundava, e a mesma fêmea estava nessa residência de 1997 até 2008, quando a árvore finalmente caiu. Durante esse período ela criou mais de 20 filhotes, comparando-se a muitos de seus vizinhos que só conseguiram na melhor das hipóteses, um ou dois filhotes.

Compartilhamento de esposa forçado

Cada fêmea é assistida por até cinco machos dedicados que percorrem a floresta em busca de frutos. Ao retornar ao ninho, eles juntam seus bicos com a fêmea e regurgitam a polpa das frutas e sementes. Com grande esforço nós conseguimos capturar alguns machos com redes de neblina que foram içadas até a copa das árvores.

Então adicionamos pequenos transmissores às suas penas da cauda antes de liberá-los. Esse demonstrou ser um maravilhoso método do ponto de vista das aves, porque à junção na cauda garantia que o transmissor iria cair quando trocassem de pena.

A única maneira de seguir as aves no terreno difícil da floresta era colocar antenas no avião e monitorá-los por rádio através do ar. Nós descobrimos que os machos viajam até 20 km em cada viagem em busca de comida e tem uma área de território de até 100 km quadrados. Eles nitidamente trabalham duro, mas são recompensados com favores sexuais se alimentam as fêmeas suficientemente bem.

Nossos estudos genéticos utilizando o DNA das aves demonstrou que os machos não são parentes entre si. Eles se empurram, bicam e se unham para ter acesso à sua noiva compartilhada. Todos não podem ser pais, porque ela faz postura de apenas dois ovos cada vez. No entanto, nossos estudos genéticos demonstraram que muitos deles eventualmente se tornam pais, pelo menos uma vez, se permanecem com ela por tempo suficiente.

Isso pode acontecer se a fêmea faz uma segunda postura no mesmo período reprodutivo, ou com o passar de vários anos. Um macho que estudamos foi pai de dois filhotes com a mesma fêmea com a diferença de sete anos entre si, mas fracassou em conseguir qualquer filhote entre estes anos com ela.

Os machos adultos estão em maior número do que as fêmeas na proporção de quase dois para um (pelas razões descritas abaixo), e muitos podem nunca chegar a serem pais apesar de seu trabalho duro alimentando os filhotes. Para aumentar as suas chances eles frequentemente

“redobram o tempo” com as suas parceiras e visitam mais de uma fêmea. Nós vimos alguns dos machos flertarem com até cinco diferentes fêmeas em reprodução!

Eles tipicamente aparecem perto do oco do ninho e chilreiam e tagarelam para a fêmea. Algumas vezes eles foram espantados para longe, mas em outras ocasiões eles foram bem sucedidos em acasalar com ela. Esse sistema de acasalamento, no qual ambos os sexos tem múltiplos parceiros sexuais, é diferente de qualquer outro psitacídeo. Machos e fêmeas na maior parte das espécies de psitacídeos vivem em um bem-aventurado (mas harmonioso) matrimônio monogâmico.

Esse sistema estranho nos *Ecletus* parece ser devido à importância da falta de cavidades para ninhos que força os machos a compartilharem a esposa e procurar em outro local por sexo e reprodução quando não se obtém isso em casa.

As cores diferentes fazem sentido

Por fim, a falta de ninhos também leva ao surpreendente esquema de coloração reversa dos machos e fêmeas de *Ecletus*. Nós utilizamos a técnica conhecida como espectrofotometria para entender o propósito de sua plumagem dimórfica. Isso envolveu a captura de aves, examinar a sua plumagem e mensurar a luz circundante e as cores na floresta tropical utilizando um espectrofotômetro conectado a um laptop.

Todos os ocos estão localizados em locais com bastante luz e as fêmeas normalmente se sentam na entrada com suas cabeças e peitos brilhando como um farol. A suas cores vívidas agem como um sinal óbvio para outras fêmeas, dizendo, com efeito, “Esse ninho está ocupado”.

Tão forte afirmação parece ser essencial no mundo competitivo das fêmeas, onde a posse de um ninho é tamanho prêmio, mas vêm com um alto preço. As fêmeas mais velhas com bons ninhos podem usá-las como uma opção para “desligar” o seu sinal. Tudo o que tem que fazer é se esconder dentro quando um predador está por perto.

As mais jovens fêmeas sem ninho, não tem essa opção. Apesar de que elas fazem o melhor possível para se esconder na folhagem, elas permanecem dolorosamente evidentes para seus predadores e tem duas vezes mais probabilidade do que os machos de serem atacadas por falcões peregrinos (*Falco peregrinus*) e Corujas (*Ninox rufa*).

A cor do macho de *Ecletus* é muito diferente por várias razões. Devido a que as fêmeas permanecem nos seus ninhos e os machos saem para forragear, isso começa a fazer sentido. Os machos passam virtualmente todo o seu tempo na copa das árvores e, ao contrário das fêmeas, necessitam se camuflar com os arredores verdes para se protegerem de seus predadores aéreos.

No entanto, eles também precisam ser brilhantes e aparecidos quando competem pela atenção das fêmeas que estão nos ninhos. Para atingir esse objetivo duplo, suas penas verdes tem uma qualidade extra. Elas brilham fortemente sob ação do comprimento de onda ultravioleta que estão além da capacidade de alcance de seus predadores (incluindo humanos).

Os machos parecem um verde opaco e camuflados para os falcões e corujas (e nós) quando não estão coletando alimentos, mas parecem deslumbrantemente lindos para os outros Ecletus dentro do ninho. Só foi após utilizarmos um espectrofotômetro que pudemos detectar essa coloração escondida.

O vermelho da fêmea quando contrastado com o verde brilhante dos machos à medida que ela sai do ninho para receber alimento é uma das visões maravilhosas da mãe natureza. Apesar de que levou dez anos de fatigante trabalho de campo para chegar aonde chegamos tanto resolvendo o mistério de Hamilton e descobrindo o porquê os Ecletus matam seus filhotes machos, as recompensas de encontrar cada pedaço dos quebra-cabeças incrivelmente fizeram todo o esforço valer a pena.

O nome Ecletus (com a mesma origem do grego “eclético”) é sem dúvida adequado devido à sua ecologia, coloração e comportamento sexual realmente formidáveis por sua estranheza e variedade.

Rob Heinsohn é Professor de Biologia da Conservação e Evolucionária na Fenner School of Environment and Society, da Universidade Nacional da Austrália. Ele tem trabalhado com uma diversidade de vertebrados, incluindo leões e pítons, mas se especializa no comportamento e conservação de psitacídeos.

Seu projeto mais recente está nos métodos para monitorar os movimentos migratórios dos ameaçados Periquitos swift de suas áreas de reprodução na Tasmânia até o continente na Austrália.

Fotos: Mesmo filhotes de Ecletus bem mais jovens do que estes podem ser diferenciados pelo sexo baseando-se nas cores de suas penugens. Machos são cinza claro, fêmeas escuro.

Os Ecletus praticam o infanticídio baseado no sexo onde os filhotes machos são algumas vezes jogados para fora do ninho pelas fêmeas quando tem ninhos de baixa qualidade. Isso permite que elas produzam ao menos um filhote – a fêmea que se desenvolve mais rápido – antes que as chuvas torrenciais inundem o ninho.

A escassez de ninhos de qualidade tem um grande papel no dramático dimorfismo dos Ecletus. As fêmeas protegem estes ninhos agressivamente.

O verde claro do macho ajuda a camuflá-lo quando está forrageando. O vermelho da fêmea serve como aviso na defesa de seu ninho.

Parte a dificuldade de se estudar os Ecletus está em que seus ninhos se localizam em árvores extremamente altas com difícil acesso.

Auxiliando os Papagaios-do-Congo nos Camarões

Escrito por Emily Talkington

Com apenas algumas horas de sono e com os olhos avermelhados devido a uma viagem de 50 horas desde a minha terra natal na costa da Califórnia até minha nova e temporária casa nos Camarões, Oeste da África, eu comecei meu trabalho como veterinária voluntária no Centro de Vida Selvagem de Limbe. Eu estava animada para ajudar ainda que o calor e a umidade dos trópicos e o jet-lag fizeram os primeiros dias em Limbe serem bastante nebulosos.

Em 7 de Dezembro de 2010, o Centro de Vida Selvagem de Limbe foi notificado pela LAGA (Organização Último Grande Primata) e pelo MINFOF (Ministério de Florestas e Vida Selvagem) que eles haviam confiscado outro grupo de Papagaios-do-Congo (*Psittacus erithacus*) e que já estavam se dirigindo para lá. O centro de Vida selvagem teve apenas três horas para se preparar para a chegada de mais de 600 papagaios.

Eles tiveram que correr para encontrar um local para alojá-los, em somatória a procurar por comida e por tratadores extras. Ao contrário de todos os outros grupos de papagaios confiscados em aeroportos e trazidos a Limbe, esse grupo havia sido retirado de um caminhão na estrada de Douala para Tiko, uma pequena cidade portuária, em direção da Nigéria.

Como ocorre frequentemente, eles tinham sido transportados em caixotes pequenos e superlotados sem comida ou água por um período indeterminado de tempo e estavam em condições deploráveis na chegada. Infelizmente muitos estavam mortos ou muito doentes.

A captura e contrabando de Papagaios-do-Congo nos Camarões estão fora do controle e é a causa de um declínio global de sua população na região. O Centro de Vida Selvagem de Limbe é um santuário localizado na costa Oeste de Camarões, operado pela ONG Pandrillus e pelo governo dos Camarões.

É o lar de mais de 200 grandes primatas, uma variedade de macacos e alguns répteis. Apesar de que não tenham instalações adequadas para psitacídeos, especialmente nessa quantidade, o centro se tornou a autoridade regional sobre psitacídeos confiscados e sempre deixa uma porta aberta.

Entre 2007 e 2010 eles receberam e cuidaram de mais de 3.500 Papagaios-do-Congo confiscados. Apesar de ser um grande desafio, eles sempre criam espaço para eles em sua pequena área de quarentena para primatas e os reabilitam até que possam ser soltos de volta à floresta de onde pertencem.

Os Papagaios confiscados em Dezembro de 2010 já estavam em sua casa temporária em Limbe por algumas semanas antes de minha chegada com os muito necessários medicamentos e anilhas, doados pelo World Parrot Trust. Ao chegar, os papagaios que estavam saudáveis e voavam muito bem, foram soltos imediatamente no Monte Etinde próximo dali.

As aves doentes e machucadas foram levadas para serem cuidadas na área de quarentena do centro. Quando cheguei, nós imediatamente começamos a avaliação médica de cada ave, demos injeções de antibióticos e vermífugos e os anilhamos. Infelizmente, os traficantes haviam cortado ou amarrado laços ao redor de suas asas para impedi-los de voar ou utilizaram cola como maneira de capturar.

As penas afetadas tiveram a cola removida ou arrancada sob anestesia. Este último método permite um crescimento mais rápido da pena e uma estada mais curta na reabilitação – melhor para as aves e para o centro.

Após isso, os papagaios que estavam saudáveis e voavam moderadamente bem foram levados para o grande e novo aviários de madeira localizado no lindo, sombreado e silencioso Jardim Botânico de Limbe, localizado convenientemente na rua em frente ao centro de resgate.

Apesar de ainda engaiolados, as aves gostaram da mudança – suas vocalizações mudaram completamente daquelas cheias de stress para as de aparente contentamento. Nós tomamos muitas precauções para garantir que os papagaios fossem mantidos em um local bastante privado, e suas gaiolas cobertas com vegetação, longe de pessoas e outros animais, enquanto continuavam a incrementar suas forças para o voo.

O local de soltura no exuberante e fechado Jardim Botânico era totalmente maravilhoso! Um rio cristalino e rápido serpenteava através dos jardins verdes cheios de palmeiras, manguezais, e uma variedade de samambaias, plantas e enormes árvores maduras que estavam ali há centenas de anos. O Jardim Botânico de Limbe é um segundo jardim botânico mais antigo no Oeste da África e abundava com uma variedade de mamíferos selvagens, cobras e aves. As palmeiras estavam repletas de coquinhos, os aperitivos favoritos dos papagaios.

Quando observamos que as aves estavam voando bem no recinto de voo, a soltura no Jardim Botânico começou! E que dia – a soltura foi mágica! Nós tínhamos trabalhado com tanta dedicação na reabilitação e queríamos que a soltura transcorresse sem problemas e com sucesso.

Nós abrimos a porta do aviário e deixamos que as aves voassem por vontade própria através da porta e para fora em direção à floresta. A maior parte voou magnificamente – bem alto nas árvores circundantes. Os poucos que estavam tendo alguma dificuldade foram trazidos de volta ao aviário para serem reavaliados e praticarem mais.

Observar os papagaios subindo até o alto das árvores após serem tão maltratados pelos traficantes e serem “presos” em cativeiro durante sua reabilitação foi a melhor visão que tive em muitos anos. Lágrimas brotaram em meus olhos conforme eles voavam entusiasmadamente e achavam locais confortáveis e seguros para descansar no topo das árvores.

Nós colocamos frutas frescas, vegetais, nozes e água para eles diariamente na parte de cima mais alta recinto de vôo enquanto aprendiam mais sobre o buffet natural de frutas selvagens, nozes e plantas nas árvores e arbustos circundantes.

O Jardim Botânico de Limbe é muito similar ao habitat natural do Papagaio-do-Congo com a exceção de que é localizado no meio de uma cidade movimentada onde é relativamente seguro e onde visitantes podem vê-los no topo das árvores e apreciar sua beleza e companhia. Parecia que eles iriam se dar muito bem aqui! Eles estavam livres para voar para fora do Jardim e adentrar a vizinha floresta de Bimbia-Bonadikumbo ou mais além a qualquer hora que quisessem. Livres enfim!

Antes de deixar os Camarões alguns meses mais tarde, eu fui para uma última visita no Jardim Botânico. Parecia que a maior parte dos papagaios que foram soltos ainda estavam na área chilreando e assobiando alegremente no alto da copa das árvores. Eu os podia ver voando de árvore em árvore em busca do coquinho perfeito ou manga selvagem e isso trouxe um sorriso ao meu rosto.

Eu estava novamente com os olhos avermelhados, mas não era de cansaço desta vez – era pela alegria de ver os papagaios vivendo livremente e se saindo tão bem! Os trabalhadores do Jardim Botânico me contaram que adoraram a presença dos papagaios e se divertiam em mostrá-los para as pessoas que estavam sempre encantadas em vê-los assobiando e chilreando em seu ambiente natural. Observar um Papagaio-do-Congo em seu próprio habitat é uma visão rara e extraordinária e me senti com muita sorte de tê-la vivenciado.

Vários meses após minha partida dos Camarões eu recebi a notícia de que todos os papagaios haviam deixado o Jardim Botânico. Talvez em busca de uma floresta ainda maior? Uma que seja mais afastada na floresta com locais para nidificar mais seguros ou que ofereça uma maior variedade de comida? Eles irão permanecer nos Camarões? Ou voar para um país vizinho? É minha grande esperança que eles irão somente ser observados nas árvores ou no céu e não novamente em caixotes lotados de volta ao santuário.

Emily Talkington é médica veterinária de pequenos animais e animais selvagens já tendo viajado e trabalhado na África diversas vezes nos últimos 14 anos. Mais recentemente, ela passou seis meses nos Camarões voluntariando no Centro de Vida Selvagem de Limbe e no Santuário para Chimpanzés Sanga-Yong. Ela já está planejando sua próxima viagem de volta a África!

Fotos:

Milhares de Papagaios-do-Congo têm sido confiscados de traficantes por toda a África central.

A FlyFree permitiu que mais organizações possam responder com instalações apropriadas e profissionais treinados, o que significa que mais aves podem ser reabilitadas e soltas com sucesso.

Papagaios-Congo no comércio

Mudança no status de conservação:

Até Fevereiro de 2012, as duas espécies africanas (*Psittacus erithacus* and *P. timneh*) são classificadas como Vulneráveis pela IUCN e, portanto, são oficialmente listadas como Espécies Globalmente Ameaçadas.

Assistência da FlyFree:

O World Parrot Trust, através do programa FlyFree, tem estado trabalhando para estabelecer uma rede de organizações treinadas para lidar com essas apreensões ocorrendo através da África. Nós temos contribuído com recursos significativos por vários anos com as organizações envolvidas e proporcionamos conselhos no manejo incluindo alimentação, limpeza e cuidados básicos.

Patrocínamos suplementos médicos, materiais para recintos, médicos veterinários e alimentos e geralmente ajudamos a direcionar a maior parte dos passos no processo, de modo que, quando as apreensões ocorram, as aves possam ser cuidadas e soltas o mais rápido possível.

Apreensões recentes:

Camarões (7), Uganda (2), e 1 cada no Quênia, África do Sul, República Democrática do Congo, e mais recentemente n Libéria e no Congo-Brazaville. No total essas apreensões envolvem mais de 3,500 aves.

Auxiliando os Papagaios-do-Congo no Congo

Escrito por Cristiana Senni

A República do Congo e a vizinha República Democrática do Congo (DRC) são os dois últimos países a exportarem legalmente Papagaios-do-Congo (*Psitticus erithacus*) capturados na natureza.

Em Novembro de 2011, aproximadamente 160 papagaios foram confiscados pela polícia na República do Congo e levados às instalações em campo da Wildlife Conservation Society (WCS) em Kabo, localizado em uma área florestal na parte norte do país, onde um recinto existente foi adaptado para os papagaios.

Nós, do World Parrot Trust, fomos contatados pouco depois, e proporcionamos tantos conselhos quanto possível sobre tratamentos, instalações e dieta.

Felizmente, o Dr. Ken Cameron, médico veterinário de animais selvagens da WCS-Congo foi capaz de processar todos os papagaios rapidamente, separando os saudáveis daqueles que necessitavam de mais tratamento.

Conforme nos envolvemos com mais apreensões de Papagaios-do-Congo, também estamos aprendendo mais sobre os diferentes métodos de captura utilizados na África e os desafios que eles podem representar para a reabilitação das aves.

Nesse caso, como nos Camarões (página 8), muitos dos papagaios tinham suas penas cobertas com cola ou amarradas com um laço. A cola é utilizada frequentemente para capturá-los. O laço é utilizado para amarrar as penas de uma asa todas juntas para impedir as aves de voar. Esse método pode causar uma grave infecção nos folículos quando novas penas estão tentando crescer, mas são bloqueadas por aquelas amarradas.

A boa notícia nesse caso foi que, apesar da sua provação, a maior parte dos papagaios parecia estar com relativa boa saúde. Em Março, a WCS-Congo decidiu reavaliar as condições dos papagaios para ver quantos outros estariam prontos para serem soltos. Eles nos perguntaram se poderíamos mandar um especialista em aves até o Congo para ajudá-los. Foi assim que em 15 de Março, o Dr. Davide De Guz, da equipe veterinária de campo do World Parrot Trust, voou até Brazzaville no Congo.

Ele havia tido a experiência prévia em 2010 quando viajou com o Dr. Gino Conzo e Noel Arintehreho até a República Democrática do Congo (DRC) pelo World Parrot Trust para prover assistência veterinária para uma grande apreensão de Papagaios-do-Congo. Para chegar até Kabo, o Dr. Davide viajou por dois dias com o Dr. Ken Cameron.

Na sua chegada eles descobriram que a maior parte da cola cobrindo as penas dos papagaios havia sido lavada pelas chuvas. Essa era uma ótima notícia, pois significava que aqueles papagaios podiam voar novamente e poderiam ser soltos. Também significava que haveria mais tempo para se concentrar nos papagaios que ainda não estavam saudáveis, para realizar exames, e trabalhar para reparar as penas restantes danificadas utilizando uma técnica conhecida como “imping”. Imping é um processo de substituir uma pena danificada ou quebrada ao se inserir penas sem defeitos em uma porção da raque original existente. O grande benefício do imping é que a habilidade de voar da ave é restaurada imediatamente.

O Dr. Davide e o Dr. Ken foram capazes de soltar todos exceto 60 dos papagaios no final de Março. As aves restantes necessitaram um período de reabilitação mais longo. Pela primeira vez, que sabemos, que Papagaios-do-Congo confiscados foram reabilitados e libertos na República do Congo. Esperamos que isso estabeleça um precedente para qualquer futura apreensão.

Nós estamos extremamente gratos à equipe da Wildlife Conservation Society, e particularmente aos Drs. Ken Cameron e Paul Telfer, pelos seus esforços por esses papagaios que levou a tal resultado bem sucedido. Nós também agradecemos ao Dr. Davide De Guz que doou seu tempo para ajudar os papagaios no Congo.

Cristiana Senni é uma associada do World Parrot Trust desde 2000 e nossa representante na Itália desde 1997. Nos anos recentes ela se tornou mais e mais envolvida nos assuntos relacionados ao comércio de aves capturadas na natureza e ajudou a organizar a resposta do WPT em diversas apreensões.

Fotos:

Colar novas penas na raque cortada daquelas penas danificadas durante a captura é chamado de “imping”. Isso ajuda a diminuir o tempo da soltura de aves que estão saudáveis.

Páginas PET

A contribuidora dessa edição, Anna Young, recebeu seu doutorado da Universidade do Estado do Novo México estudando o aprendizado vocal, comportamento e stress social em periquitos australianos. Antes de ir para a faculdade, ela trabalhou no Zoológico de Phoenix como tratadora, e no Zoológico Reid Park como educadora. Anna irá continuar com sua paixão de trabalhar com psitacídeos em zoológicos em seu novo emprego no final deste ano como professora do programa de Ciências de Zoológico e Conservação na Universidade Otterbein em Ohio.

Longa vida aos psitacídeos

A média de vida dos psitacídeos são fatos lendários!

Todos já ouvimos histórias sobre psitacídeos vivendo mais do que seus donos, mas quantos anos nós podemos esperar que cada espécie chegue a viver?

É difícil para os cientistas realizar estudos sobre a média de vida de psitacídeos selvagens já que as aves podem ser difíceis de serem monitoradas a curto prazo, e ainda mais com o passar de várias décadas. Já que não existe muita informação disponível sobre a média de vida de psitacídeos, alguns colaboradores e eu estabelecemos uma estimativa de quanto as espécies de psitacídeos vivem em cativeiro ao utilizar os dados coletados em zoológicos.

Não somente essa informação é interessante para donos de aves de estimação, mas também é importante para programas de conservação tais como os de reprodução em cativeiro.

O Sistema Internacional de Informação de Espécies (ISIS) é um banco de dados global para a comunidade de zoológicos que contém informações sobre o nascimento, mortes, transferências, e fichas médicas de animais de zoológicos de todo o mundo. A informação foi coletada por mais de duzentos anos de diferentes espécies de animais em cativeiro.

Em colaboração com minha colega de laboratório, Elizabeth Hobson, e orientador Tim Wright, e a coordenadora do banco de dados ISIS Laurie Bingman, nós coletamos mais de 80.000 dados de psitacídeos dos últimos duzentos anos.

Nós analisamos esses dados para determinar por quanto tempo os psitacídeos vivem e se reproduzem em média no cativeiro. Descobrimos que alguns indivíduos têm vidas extremamente longas. A ganhadora de longevidade da ISIS foi uma cacatua das Molucas (*Cacatua moluccensis*) que viveu até os 92 anos! No total, contudo, os psitacídeos não estavam vivendo por muito tempo em cativeiro como esperado. Na verdade, das 260 espécies analisadas, somente 11 espécies além da Cacatua das Molucas tinham algum indivíduo que viveu por mais de 50 anos em um zoológico (Figura 1.).

Em mais da metade das espécies nos dados ISIS não havia indivíduos com mais de 22 anos de idade. No entanto, quando analisamos as aves que ainda estão vivas hoje, descobrimos uma tendência para que essas vivam mais do que as gerações anteriores, indicando que os cuidados em cativeiro com psitacídeos estão melhorando com o passar do tempo. Como a maior parte dos animais estudados até agora, os psitacídeos maiores geralmente vivem mais do que as espécies menores (Figura 2.). Descobrimos que uma diferença na média de vida entre os psitacídeos de grande e pequeno porte pode ser apenas de uma década.

Nós estudamos mais cuidadosamente seis distintas classes de psitacídeos (cada uma representando um ramo de espécies relacionadas na “árvore da vida” evolucionária) que são de interesse particular para a conservação: Cacatuas, Lóris, roselas, araras, maritacas e papagaios Amazona.

Descobrimos que as cacatuas tinham a maior média de vida máxima de todas as classes, mas as araras e os Amazona tiveram a maior média de vida mediana. Isso significa que enquanto as cacatuas tem o potencial de viver vidas longas, a maior parte dos indivíduos não atinge isso, e muitos não estão vivendo tanto quanto a média de indivíduos de araras e Amazona.

Muitas espécies de psitacídeos tais como o Papagaio-das-Ilhas-Margarita (*Amazona barbadensis*), o Papagaio-de-Porto-Rico (*A. vittata*), o Papagaio-de-Hispaniola (*A. ventralis*), a Arara Piranga (*Ara macao*), O Periquito-das-Ilhas-Maurício (*Psittacula echo*) e o Lóris-de-Kuhl (*Vini kuhlii*) foram reintroduzidos com sucesso na natureza através de populações em cativeiro. Devido ao potencial para mais reintroduções de psitacídeos nós também analisamos

os parâmetros reprodutivos em um esforço para guiar os coordenadores em cativeiro nas escolhas do manejo.

Nós analisamos os parâmetros reprodutivos das fêmeas, tais como idade da primeira reprodução e da última em todas as espécies de nosso estudo, e em maiores detalhes para as seis classes também. Nós não pudemos realizar essa análise para machos já que a paternidade não é sempre óbvia. Os resultados foram variados para as diferentes espécies; algumas espécies menores podem procriar antes que tenham um ano de idade, algumas espécies maiores podem se reproduzir até os seus 40 anos.

Nós também estávamos interessados na duração do período pós-reprodutivo, que seria quanto tempo um indivíduo vive após parar de ser capaz de se reproduzir. Descobrimos que a duração pós-reprodutiva é relativamente longa e que isso é similar em duração ao número de anos que os psitacídeos se reproduzem ativamente. Existem algumas poucas espécies até o momento (humanos sendo uma delas) que possuem durações pós-reprodutivas próximas da sua duração de reprodução ativa.

Obviamente, nós temos que levar em consideração que essas informações estão vindo de zoológicos, onde nem todos psitacídeos são mantidos com um parceiro reprodutivo potencial. Ainda assim, nós podemos fazer três possíveis conclusões destas informações: 1) psitacídeos em zoológicos não estão sendo mantidos de uma maneira que os permite ser reprodutores de longo prazo, 2) os psitacídeos param de ser capazes de se reproduzir mais cedo em sua média de vida relativamente a outras espécies, ou 3) a média de vida de psitacídeos em cativeiro é maior do que seria na natureza e as fêmeas estão vivendo mais do que sua capacidade de produzir ovos.

Seja uma ou a combinação de conclusões verdadeira, essa informação seria útil para os coordenadores em conservação ao se tomar as decisões sobre como manter e reproduzir psitacídeos ameaçados.

Nós queríamos ver se existiria uma relação entre a média de vida, os dados reprodutivos e o status de conservação das espécies de psitacídeos mantidas em zoológicos. Utilizando a Lista Vermelha da IUCN, nós atribuímos uma categoria de conservação para cada espécie de psitacídeo alojada em zoológicos e descobrimos que a maior parte das aves eram classificadas como de Pouca probabilidade de extinção (68%). Algumas eram Próximo de ameaçadas (10%) e Vulneráveis (11%), enquanto que 7% eram Ameaçadas, e somente 3% Criticamente Ameaçadas.

As espécies listadas nas três maiores categorias de ameaça tinham uma média de vida em geral maior, se reproduziram mais tarde durante a vida, e se reproduziram por maiores períodos do que as espécies listadas nas duas menores categorias de ameaça.

Nosso estudo tem múltiplas implicações para conservação. Primeiramente, as médias de vida em cativeiro devem ser consideradas pelos zoológicos quando decidirem quais espécies reproduzir. Nós sugerimos que os zoológicos se concentrem em reproduzir espécies ameaçadas que se adaptam bem em cativeiro e para as quais existam programas de reintrodução em cativeiro.

Nós também sugerimos que um objetivo de longo prazo na conservação de psitacídeos seja estudar espécies que não são tão bem sucedidas em cativeiro de modo a melhorar os seus cuidados e manejo. Adicionalmente, nossos dados podem ser utilizados para modelar a estabilidade de populações selvagens e demonstrar o quanto as reintroduções de aves de cativeiro podem aumentar as populações selvagens em declínio.

Nossos dados também levantam questões interessantes sobre a média de vida pós-reprodutiva, sugerindo que os zoológicos devem manter e procriar as espécies mais tarde durante sua vida do que talvez foi anteriormente tentado, e em documentar quão bem sucedido ou mal sucedido essas tentativas foram. E por último, a tendência que descobrimos relacionando o status de ameaça da IUCN com os parâmetros de histórico de vida sugerem que nós podemos identificar proativamente quais espécies podem se tornar ameaçadas ou em risco de extinção, e agir para proteger as populações selvagens apropriadamente.

Por exemplo, uma população envelhecendo pode parecer estar estável em números, mas não necessariamente se baseando na demografia. Conforme a população envelhece ela pode ir além do seu potencial reprodutivo. Com nenhum ou pouco recrutamento de novas aves para reproduzir, a população poderia baixar dramaticamente. As informações sobre reprodução podem ser úteis em compreender essas sutilezas.

Então o que isso significa para os donos de psitacídeos de estimação que querem ver seus companheiros adorados viver até uma idade avançada? Embora nosso estudo não se concentrou no porque os psitacídeos estão vivendo até a idade que eles chegam, o fato que psitacídeos estão chegando até idades avançadas em zoológicos hoje em dia, sugere que seu psitacídeo de estimação pode viver uma vida longa se tiver acesso a dietas adequadas e cuidados de saúde, além de um ambiente com enriquecimento. Portanto aproveite muitos anos com seu amigo de penas.

Dados de media de vida

Para todas as 260 espécies nesse estudo podem ser lidos na “Sobrevivência na Arca: Tendências de Históricos de Vida em Psitacídeos em Cativeiro” no periódico *Animal Conservation* – disponível online em www.psittascene.org

E a minha ave?

Leve em consideração que a média de vida individual de cada ave tais como humanos e outros animais, pode variar consideravelmente. Fatores tais como dieta, exercícios, e cuidados em geral podem afetar os resultados dramaticamente.

Os dados da ISIS são uma valiosa informação datando de 200 anos atrás. Tal como apresentado, eles documentam muita história. O manejo de psitacídeos se modificou bastante durante este tempo. Na verdade, somente durante os últimos 20-30 anos que cuidados adequados e manejo foram colocados em prática com a maioria das aves. Antes desta época muitas aves estavam destinadas a terem vidas mais curtas devido a cuidados, dieta, alojamento e cuidados médicos inadequados.

Também leve em conta que até os anos 90 muitas aves em cativeiro se originavam da natureza. Pelo que já sabemos com nossos trabalhos estudando o tráfico, muitas destas aves enfrentaram situações incrivelmente difíceis antes de virem até nossas casas como resultado de terem sido levadas ao cativeiro. Sua ave tem seu próprio histórico de vida, médico e estilo de vida – tudo isso contribui para o que todos nós objetivamos – uma vida longa e saudável. - *World Parrot Trust*

Os mais longevos

As espécies de psitacídeos que viveram por mais tempo em cativeiro (baseando-se nos dados da ISIS), cada um com um indivíduo vivendo 50 anos ou mais, são:

Cacatua das Molucas (*Cacatua moluccensis*)

Cacatua Major Mitchell

(*Lophocroa leadbeateri*)

Cacatua galerita

(*Cacatua galerita*)

Cacatua gala

(*Eolophus roseicapilla*)

Papagaio campeiro

(*Amazona ochrocephala*)

Arara vermelha grande

(*Ara chloropterus*)

Ararajuba

(*Guaruba guarouba*)

Cacatua ducorps

(*Cacatua ducorpsii*)

Cacatua-negra-de-cauda-vermelha

(Calyptorhynchus banksii)

Arara militar

(Ara militaris)

Arara azul

(Anodorhynchus hyacinthinus)

Kea

(Nestor notabilis)

Fotos:

Os dados de zoológicos foram analisados para determinar a longevidade de indivíduos em classes de psitacídeos. A Cacatua das Molucas (à direita) foi o indivíduo que viveu por mais tempo em cativeiro (92 anos). No geral, os Amazona e araras tiveram a média de vida maior entre os grupos.

Figura 1. Psitacídeos em cativeiro nos dados da ISIS não estão vivendo por tanto tempo tal como se esperava.

Somente 7% das espécies de psitacídeos nos dados de zoológicos são Ameaçadas; 3% são espécies Criticamente ameaçadas tais como a Arara-de-garganta-azul.

Das 260 espécies analisadas, 12 tinham indivíduos que chegaram a viver mais de 50 anos em cativeiro, o Kea da Nova Zelândia está entre eles.

Figura 2. As espécies maiores de psitacídeos tendem a viver por mais tempo do que as espécies menores.

Viajando ao estilo dos psitacídeos

Escrito por Carol Cipriano (coordenadora do cruzeiro) e Tanya Martinez (passageira)

Se você já foi a um acampamento quando criança e experienciou a emoção daqueles dias sem preocupações, você irá entender como é se juntar a nós no Cruzeiro dos Admiradores de Psitacídeos. Compartilhando memórias vívidas com outras pessoas que pensam como você constrói amizades de uma maneira inigualável.

Todas as suas preocupações e estresse desaparecem, e você tem que apenas aproveitar, aprender e experienciar com o grupo...

Em 2011 nosso cruzeiro nos levou até Cozumel, Honduras e Belize. Antes mesmo que partíssemos, nós fomos para nosso primeiro tour cheio de psitacídeos com a Natural Encounters Inc. (NEI) em Winter Haven, Flórida. O presidente da NEI é renomado

adestrador de animais, Steve Martin, pessoalmente nos mostrou suas magníficas instalações. “O Rancho” abriga mais de 200 aves representando mais de 50 espécies, incluindo psitacídeos, aves de rapina e corvídeos.

A NEI é mais conhecida pelos seus shows de voo livre com aves que são realizados em zoológicos e parques por todo o país. Dentro de minutos de nossa chegada, Steve e sua equipe nos regalou com uma incrível demonstração de voo livre com Araras vermelhas grandes (*Ara chloropterus*). As lindas e energéticas aves emergiram de seu recinto para voar acima de nossas cabeças e brincar nas copas das árvores.

Após isso nós conhecemos o restante das instalações, incluindo a sua instalação de reprodução para as Araras-de-garganta-azul (*A. glaucogularis*), um projeto em conjunto de conservação com o World Parrot Trust (WPT). Após um dia fabuloso, nós retornamos até Tampa para subir a bordo navio Norwegian Star pelo resto de nossa aventura.

Alguns dias mais tarde, nós aportamos em Belize em viajamos por terra para visitar a organização parceira do WPT, Belize Bird Rescue (BBR) onde nós conhecemos Nikki Buxton e seu marido Jerry. Esse charmoso casal fundou o centro de resgate em 2004 após um encontro casual com dois filhotes de Papagaios-diadema (*Amazona autumnalis*) que haviam sido tirados de um ninho e vendidos ilegalmente.

Sua paixão em salvar, reabilitar e soltar novamente psitacídeos na natureza eventualmente levou a criação das instalações para o resgate. O BBR já fez mais de 100 solturas bem sucedidas até o momento. Nikki e Jerry nos guiaram pelo resto do dia com a ajuda de Harry – uma amigável Maitaca (*Pionus senilis*), e residente permanente do local. Eles nos mostraram enormes recintos de voo na floresta, onde as aves são mantidas em preparação para sua soltura.

Após isso, nós comemos um almoço caseiro conforme aprendemos mais sobre as dificuldades dos psitacídeos em Belize. Os problemas sobre a conservação são de partir o coração, mas estamos aliviados e encorajados em conhecer mais sobre os sucessos da BBR. Nikki tem trabalhado com dedicação em educar as pessoas locais e promover o bem estar e conservação dos psitacídeos de Belize.

O entusiasmo foi alto pelo nosso último tour até o Parque Ecológico de Xcaret em Cozumel, México. Neste local maravilhoso entre árvores tropicais, ruínas Maias restauradas e lagoas naturais nós recebemos o presente de uma visita aos bastidores no programa de reprodução em cativeiro do parque para Araras-piranga (*Ara macao*). Xcaret tem uma incrível população de mais de 800 araras com quase 100 casais reproduzindo. Na verdade, eles possuem o Record no livro Guinness pelo nascimento de mais de 100 araras em 2009.

Estas aves em cativeiro serão libertas no sudeste do México para aumentar os números das ameaçadas Araras-piranga e Araras-militares (*A. militaris*) nesta região. Como convidados

especiais, nós entramos na área de reprodução e maternidade onde tivemos encontros ao vivo com os filhotes de arara em somatória a trabalhar com as araras mais velhas nos seus exercícios para treino de voo. Lidar com as araras foi um prazer, mas o destaque do dia foi quando nos andamos até o topo da montanha decorado com arquitetura Maia e libertamos as aves para seu voo diário ao redor do parque. Que visão espetacular!

Não existe nada igual ao Cruzeiro de Admiradores de Psitacídeos para os amantes de psitacídeos.

Foi uma experiência incrível – enriquecedora, informativa e tão divertida! Não somente nós compartilhamos nossas reuniões e jantares com nossos admiráveis, informativos e dinâmicos palestrantes – comportamentalista animal Susan Friedman, adestrador de animais Steve Martin e Joanna Eckles do World Parrot Trust, mas também fizemos diferença para os psitacídeos. Todo o dinheiro de nossas excursões voltaram para a NEI, BBR e Xcaret para seus programas de conservação sem fins lucrativos. Leilões, rifas e o dinheiro do cruzeiro foram para o World Parrot Trust.

Cruzeiro dos Admiradores de Psitacídeos

28 de Outubro – 4 de Novembro, 2012

Saindo de Nova Orleans, LA EUA

Una-se a nós a bordo no quarto Cruzeiro anual dos Admiradores de Psitacídeos. Descubra algumas das águas mais azuis e melhores paisagens no mundo. Eduque a si mesmo com seminários a bordo e visite portos exóticos. Tenha a chance de observar psitacídeos selvagens. Um cruzeiro espetacular para todos os entusiastas de psitacídeos! Não existe nada igual para os admiradores de psitacídeos!

Apoie a conservação de psitacídeos enquanto navega. Rifas, doações, e uma porção das taxas conferências irá ajudar diretamente o World Parrot Trust e seus esforços para proteger os psitacídeos.

Portos para visitar: Nova Orleans, LA, Montego Bay, Jamaica, Grande Caimã, ilhas Caimã, Cozumel, México.

Palestrantes a bordo incluem: Dr. Scott Echols (AvianStudios.com), Phoebe Linden Green (Santa Barbara Bird Farm) e David Woolcock (Paradise Park).

- www.parrotloverscruise.com
- carolstraveltime@gmail.com
- +1 570-226-2569

Parrot News

Kakapo desaparecido é encontrado!

Notícias animadoras para a recuperação do Kakapo seguindo a redescoberta de Jane, uma fêmea de idade desconhecida, que estava desaparecida na Ilha Anchor pelos últimos dois anos.

O pesquisador do Departamento de Conservação Joris Tinnemans estava na Ilha Anchor atirando em galhos de árvores (sim como uma espingarda!) para coletar sementes. Ele não encontrou muitas sementes, mas algo muito melhor.

Joris atirou em alguns galhos...depois de checar todas as frequências dos transmissores dos Kakapo da Ilha Anchor para garantir que nenhum estava por perto, claro. Ele completou a contagem de sementes naquela locação e continuou a percorrer a trilha para amostrar mais algumas.

Na sua ida de volta ele decidiu checar a árvore original. Foi quando Joris percebeu um farfalhar na vegetação rasteira próxima. Ele tinha que olhar e viu que era um Kakapo sentado nas samambaias! Ele tentou todos os canais de transmissão com seu receptor e não obteve nada a não ser o sinal de um macho que estava próximo, mas não estava perto dele.

Então o que ele fez? Ele recolheu o Kakapo para ler o número do transmissor, soltou e chamou pelo rádio a equipe do Kakapo. A resposta foi, “NOSSA! você pode capturar aquele Kakapo de novo?”

Essa era Jane e ela estava desaparecida desde que seu transmissor falhou a quase dois anos atrás! E então Joris a capturou de novo e esperou até que Daryl e Sarah da equipe Kakapo, chegassem com um novo transmissor. Parabéns a Joris pela sua ação inspirada – esse é o tipo de descoberta que todos sonhamos em fazer!

Fonte: Programa de Recuperação do Kakapo

Obrigado

Correndo pelos psitacídeos

A maratonista da Flórida Madeleine Lenke está acumulando milhas enquanto promove o World Parrot Trust. Madeleine mandou esta foto da Corrida Torrey Pines pela Pesquisa, uma meia maratona (13.1 milhas). Ela escreveu, “Eu terminei em 1 hora e 46 minutos. Como pode-se ver eu estou usando com orgulho uma camiseta com o logo do WPT impresso tanto na frente e no verso. Eu tento participar de tantas corridas quanto possível e uso uma camiseta do WPT todas as vezes!

Estou me aprontando para a Maratona de Estocolmo na Suécia em dois de Junho com mais de 20.000 corredores. Claro que irei correr com uma camiseta do WPT! Talvez existam outros corredores que sejam membros do WPT que gostariam de fazer o mesmo? Obrigada pelo fantástico trabalho que estão fazendo – eu sigo suas notícias e novidades no Facebook.”

Obrigado e os melhores desejos para Madeleine!

Parrot Events

Pense em Psitacídeos 2012!

20 de Maio de 2012

Woking Leisure Centre, Surrey, Reino Unido

Encontre com a equipe do World Parrot Trust e sócios. Nós estamos comparecendo no primeiro show organizado pela Parrots Magazine. Os entusiastas de psitacídeos podem ver aves e conversar com experts sobre seus cuidados, saúde, e conservação. Irá haver demonstradores oferecendo comidas e guloseimas, e uma variedade de produtos, além de vários grupos e resgates de psitacídeos, até mesmo um concurso para papagaios falantes!

Irá haver workshops gratuitos incluindo duas diferentes apresentações pelo administrador do World Parrot Trust, David Woolcock. Outros palestrantes incluem Neil Forbes MRCVS, Rosemary Low, e John Hayward.

Diga olá na barraca do World Parrot Trust e participe de nosso sorteio gratuito. Tickets da www.parrotmag.com serão descontados se você comprar com antecedência. Workshops estão incluídos, mas reserve seu lugar já que as vagas são limitadas.

- www.parrotmag.com
- www.parrotmag.com/show-tickets
- 01273 464777

Workshop Behaviourtect

30 de Setembro de 2012 (8:30 am - 4 pm)

Currumbin Wildlife Sanctuary, QSLD, Australia

Nicholas Bishop e Jim McKendry – dois dos adestradores de animais mais engajados e experientes estão oferecendo um dia único de imersão na arte e ciência do treinamento animal e comportamento chamado “Construindo Relacionamentos Recompensadores com o Reforço Positivo.” O evento está estritamente limitado a 30 participantes e uma porção do dinheiro será doado ao WPT.

- www.pbec.com.au
- jim@pbec.com.au
- 0421 175 841

Em memória de Wendy Duggan Riches
Tributo por Rosemary Low e Rosemary Wiseman

Nós lamentamos informar sobre o falecimento de Wendy Duggan de Putney (Londres, Reino Unido) em 21 de Fevereiro.

Ela era reconhecida pela sua grande afeição pelos psitacídeos, especialmente cacatuas, com as quais ela partilhava sua casa por muitas décadas, desde os anos 50.

Por muitos anos ela trabalhou para a BBC, em conexão com programas para crianças. Sua Cacatua galerita “Kato” se tornou famoso pelos suas aparições regulares no programa “Playschool”.

Wendy era um membro ativa do Clube de Aves Southern Foreign desde sua inauguração em 1963. Ela mostrava suas cacatuas em shows anuais e ganhou muitos prêmios com elas. Se orgulhava de ser uma associada da Sociedade de Zoológicos.

Wendy estava sempre encantada em conhecer “amigos de aves” e sempre se interessava pelas suas novidades. Ela tinha uma coleção de estórias do passado e era a mais divertida contadora de estórias. Com seu marido, Wendy compartilhava um interesse em arte e antiguidades, especialmente qualquer objeto conectado com aves e animais. Havia o rumor de que quando a Rainha Mãe decidiu que queria uma cacatua, ela pediu a Wendy por uma. Em troca Wendy recebeu várias garrafas de um brandy bastante caro!

Wendy foi fundamental na formação inicial do WPT, reunindo cobertura nacional televisiva na BBC para muitos projetos do WPT. Ela era uma senhora maravilhosa e muito prestativa que se importava apaixonadamente sobre psitacídeos. Condolências são oferecidas ao seu marido Ron.